



Etnografia virtual e entrevistas *online*: desafios na pesquisa em educação musical

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Silvia Regina de Camera Corrêa Bechara
UNESP – *silvia.cbechara@gmail.com*

Resumo: O presente texto traz algumas referências sobre a etnografia virtual e entrevistas *online* como metodologia na pesquisa em educação musical. Trata-se de um recorte de minha pesquisa de mestrado em andamento, que propõe desvelar se e como o compartilhamento vinculado à música no *Facebook* articula-se com os processos de formação musical de jovens estudantes de música. A partir da reflexão sobre as dificuldades encontradas em alguns aspectos da pesquisa *online* na primeira fase de coleta de dados, serão pensadas novas estratégias para a próxima etapa.

Palavras-chave: Etnografia virtual. Entrevista *online*. Facebook. Educação musical. Cibercultura musical.

Virtual Ethnography And Online Interviews: Challenges Of Research In Music Education

Abstract: This paper presents some results for the virtual ethnography and online interviews as a research methodology in music education. This is an excerpt from my master's research in progress, which proposes reveal whether and how the sharing linked to music on Facebook articulates with the processes of musical training of young music students. From the reflection on the difficulties encountered in some aspects of the online survey in the first phase of data collection will be designed new strategies for the next step.

Keywords: Virtual ethnography. Online interview. Facebook. Music education. Musical cyberculture.

1. Educação Musical e pesquisa no ciberespaço

Segundo Salavuo (2005), o rápido crescimento das mídias sociais, especialmente das comunidades *online* sobre música nos últimos anos, deixou o campo da educação musical “desprevenido” sobre as mudanças nas práticas musicais cotidianas decorrentes desta transformação.

Conforme mostram Waldron (2011) e Reguillo (2012), há uma gama de experiências musicais acontecendo no ambiente das comunidades online e das mídias sociais. Esses sites, por sua vez, possuem uma estrutura que disponibiliza um espaço de discussão a respeito daquilo que é compartilhado, gerando a interação entre os usuários, propiciando um universo de aprendizagem e consequente ampliação de conhecimentos musicais. É esse ambiente que define o que tenho denominado “cibercultura¹ musical”. (BECHARA, 2013).

Grande parte dos jovens estudantes está imersa nesta cibercultura musical, interagindo de diferentes formas com a música e “navegando” por um espaço que oferece diversas opções sonoras, visuais e sociais. Entretanto, as pesquisas das interações desses sujeitos com a música no ciberespaço ainda são em número pequeno. No Brasil há investigações voltadas para as comunidades *online* (SCOTTI, 2011) e uso de dispositivos

digitais para escuta de música (POPOLIN, 2012; RAMOS, 2012). De acordo com Gohn (2008), a área de educação musical apresenta pouca pesquisa na temática “música e mídias sociais”, na comparação com outras áreas de conhecimento.

2. Metodologia de pesquisa *online*: Etnografia virtual

A pesquisa em andamento focaliza jovens estudantes de música e a cibercultura musical no ambiente da mídia social *Facebook*. O objetivo da investigação é desvelar se e como o compartilhamento vinculado à música no *Facebook* se articula com os processos de formação musical desse jovens.

Esta investigação é de natureza qualitativa e está sendo realizada por meio de pesquisa de campo *online* baseada em recursos etnográficos virtuais (HINE, 2004). O campo *online* está delimitado à plataforma de mídia social *Facebook*, cujos internautas foram, na primeira inserção no campo da pesquisa, 6 jovens estudantes de música entre 18 e 29 anos, 4 moças e 2 rapazes, estudantes em cursos de graduação ou escolas técnicas de música no estado de São Paulo. A delimitação da faixa etária se deu a partir da leitura do artigo de Reguillo (2012) que observou uma “maior disponibilidade para ‘perder-se em suas buscas’ [...] entre os jovens que vão dos 18 aos 24 anos”, por um lado, e o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013), que tem como limite dessa fase da vida 29 anos. A coleta de dados da cibercultura musical praticada por esses jovens está sendo feita por intermédio da observação participante virtual, análise de perfis dos estudantes no *Facebook* e entrevistas semi-estruturadas (*online*).

Alguns referenciais teóricos serviram de ponto de partida para o desenrolar da pesquisa: a CiberAntropologia (“*CyberAnthropology*”), pois esse campo de conhecimento “questiona como o ser humano entende a si próprio e os outros, como é estruturada sua vida quando embebida em ambientes virtuais, diante dos desafios postos pela internet como um meio dominante.” (SPRONDEL; BREYER; WEHRLE, 2011:2); as ideias da filósofa da Educação Musical Estelle Jorgensen para quem “a educação musical [...] é uma colagem de crenças e práticas” diversas (JORGENSEN, 1997: 66) que demandam diferentes abordagens.

Hine (2004), chamando a atenção para as relações sociais que estabelecemos por meio e na internet, sugere que a etnografia (adaptada para o virtual) deve ser um método de pesquisa que auxilia a compreensão destes fenômenos socioculturais no ciberespaço. “A etnografia [...] pode servir para alcançar um sentido enriquecido dos significados que vai adquirindo a tecnologia nas culturas que a acolhem ou que se constituem graças a ela.” (HINE, 2004:17).

Baseando-se nas técnicas da etnografia tradicional, a autora relaciona dez princípios para a etnografia virtual, sintetizados por Luciano Caroso (2010) com palavras-chave para cada um dos princípios. Caroso divide-os em princípios relacionados ao Contexto – usos, mediações, fluidez, mobilidade, assincronia - e Etnógrafo – delimitação, intermitência, relevância, autorreflexão, adaptabilidade. (CAROSO, 2010:83).

Segue uma síntese dos princípios de Hine, relacionando-os com as palavras-chave propostas por Caroso:

1. Usos: a etnografia virtual problematiza os usos da internet. “As disposições da rede como forma de comunicação, como objeto dentro da vida das pessoas e como lugar de estabelecimento de comunidades, continuam presentes através dos usos, interpretados e reinterpretados, que se fazem dela.” (HINE, 2004: 80).
2. Mediações: o contexto no qual a internet é utilizada também deve ser considerado na etnografia virtual. Para Hine, considerar apenas um dos aspectos pode resultar em uma visão empobrecida do problema.
3. Fluidez: o conceito de lugar deve ser reconsiderado na etnografia virtual (“reconfiguración del espacio”). Segundo a autora, “mais que multissituada, poderíamos pensar convenientemente na etnografia da interação mediada como fluida, dinâmica e móvel.” (HINE, 2004:81).
4. Mobilidade: o conceito de campo de estudo deve ser reformulado, pois “se a cultura e a comunidade não são produtos diretos de um lugar físico, então a etnografia tampouco tem de ser.” (HINE, 2004: 81).
5. Delimitação: é importante para o etnógrafo estabelecer limites em termos de tempo, espaço e engenhosidade. “O desafio da etnografia virtual consiste em examinar como se configuram os limites e as conexões, especialmente entre o ‘virtual’ e o ‘real’.” (HINE, 2004:81).
6. Intermitência: o virtual é parte de algo mais amplo (CAROSO, 2010: 81); liga-se a outras dimensões da vida. “A etnografia virtual é um interstício no sentido de que convive entre várias atividades, tanto do investigador como dos participantes do estudo. E a imersão no contexto se consegue apenas intermitentemente”. (HINE, 2004:81).
7. Relevância: a etnografia virtual é parcial. A ideia de culturas isoláveis e descritíveis deve ser deixada de lado (tradução de CAROSO, 2010: 81). “Nossas descrições podem basear-se em ideias de relevância estratégica para a análise e não em representações fiéis das realidades dadas por objetivas.” (HINE, 2004: 81).



8. Autorreflexão: a imersão pessoal no campo virtual, segundo Hine, possibilita que o etnógrafo seja um informante também, oferecendo uma visão reflexiva. “A formação de interações com informantes através da tecnologia é parte do trabalho etnográfico, assim como as interações entre o etnógrafo e a tecnologia.” (HINE, 2004: 82).

9. Assincronia: “As interações podem ser multi-espaciais e assíncronas.” (CAROSO, 2010: 81). “Todas as formas de interação são etnograficamente válidas, não somente as que implicam uma relação cara a cara. [...] é a etnografia *no* virtual, *do* virtual e *através* do virtual.” (HINE, 2004: 82).

10. Adaptabilidade: a etnografia virtual é adaptável ao contexto. Hine questiona, a partir da ideia de que, se “[...] as tecnologias são apropriadas e interpretadas de formas diferentes segundo os contextos em que são empregadas, por que a etnografia permaneceria inalterável perante seus contextos de aplicação?” (HINE, 2004: 83).

3. Desafios da pesquisa etnográfica virtual

A partir de experiências similares relatadas nos artigos de Reguillo (2012) e O’Connor et al. (2012), na pesquisa que estou empreendendo foi feito contato *online* com jovens. Uma mensagem foi postada no mural do meu perfil no *Facebook* e no grupo de um projeto de Artes da cidade de São Paulo (Projeto Vocacional), explicando do que se tratava a investigação, e pedindo para que estudantes de música entre 18 e 29 anos interessados em participar entrassem em contato tanto pelo próprio *Facebook* quanto pelo meu e-mail. A partir daí, alguns amigos meus compartilharam a mensagem em seus perfis, divulgando a proposta. A partir dos retornos ao convite, detalhes do estudo foram fornecidos, dados de contatos com os jovens estudantes registrados, termo de consentimento enviado e entrevistas *online* realizadas.

A seguir, serão detalhados e discutidos os procedimentos e as dificuldades enfrentadas envolvendo a assinatura do Termo de consentimento e a realização das entrevistas.

A primeira dificuldade enfrentada foi obter as respostas ao Termo de Consentimento. Alguns dos estudantes do primeiro contato sumiram do meu perfil no *Facebook*, e quando tentei retomar o contato não obtive resposta. Um deles, apesar do interesse, não estava dentro do perfil definido, pois não estava mais vinculado a nenhuma instituição de ensino de música; estava naquele momento estudando sozinho. Os demais demoravam muito para responder, e quando eu insistia, obtia razões como:

- muita correria no dia-a-dia, acabavam esquecendo;



- dificuldades em fazer a assinatura eletrônica no Adobe Reader;
- dificuldades por não ter impressora ou scanner;

Tentei auxiliar nessas questões, apresentando um tutorial para efetuar a assinatura eletrônica no Adobe Reader, ou me disponibilizando a buscar a assinatura pessoalmente (quando os estudantes eram da cidade de São Paulo). Então, alguns conseguiram me enviar, um deles me procurou na universidade para assinar pessoalmente, e outros optaram por não mais participar da pesquisa.

Para aqueles que ainda assim não conseguiram mandar o documento, fiz uma versão do Termo de Consentimento com base no site *SurveyMonkey*, no qual é possível enviar por e-mail um link pelo qual a pessoa apenas responde se gostaria ou não de participar, e essa resposta fica disponível no site. Então, dos quatorze estudantes que fizeram o primeiro contato, somente sete foram entrevistados nesta primeira etapa da coleta de dados.

O'Connor et al. (2012) relatam alguns destes desafios da pesquisa online, e comparam com a pesquisa que chamam de “*onsite*”, isto é, a pesquisa de campo presencial. Os autores atentam para o fato de que ambas apresentam dificuldades, mas que a pesquisa *online* ainda está em sua “infância”, sendo preciso desenvolver um pouco melhor suas técnicas.

Após o envio do termo, concomitante às observações dos perfis na mídia social, iniciei as entrevistas. Dividi as questões em três partes: a primeira mais relacionada com a trajetória como músico e como internauta; a segunda, diretamente ligada aos compartilhamentos de material no *Facebook*; e a terceira com questões formuladas a partir das observações ou das próprias respostas dos estudantes.

O texto de O'Connor et al. também trata das entrevistas *online* que podem ser síncronas ou assíncronas. Ambas apresentam dificuldades, conforme os autores:

Tipo de entrevista	Ferramenta	Vantagens	Desvantagens
Assíncrona (as perguntas são enviadas no corpo do e-mail ou em um arquivo anexo; não sobrecarrega o entrevistado com uma lista grande de questões, estas são enviadas em estágios)	e-mail [em minha pesquisa, também utilizei como ferramenta a mensagem privada do Facebook]	o entrevistado tem mais liberdade de tempo para responder à entrevista, tendo oportunidade de pensar mais antes de responder, podendo compor e editar seu texto.	o entrevistado pode simplesmente não responder às questões, deletando o e-mail. O tempo para a resposta, por ficar livre, pode interferir na espontaneidade da resposta.
Síncrona (através de softwares que permitam a conversa em tempo real)	chatrooms – pode ser uma boa alternativa, se os entrevistados são usuários frequentes desta ferramenta; serviços de telefonia via internet, com ou sem vídeo - webcam [Skype ou Google+, por exemplo].	se aproxima mais dos resultados de uma entrevista “onsite”/ “face-to-face”; proporciona uma maior espontaneidade por parte do entrevistado, que pode responder instantaneamente. Se houver vídeo, o pesquisador poderá visualizar comportamentos, reações, gestos do entrevistado.	necessidade de possuir softwares específicos, os quais nem todos tem facilidade para utilizar.

Tab.1 – Comparação de entrevistas síncronas e assíncronas.

Dadas as reflexões feitas a partir deste texto de O’Connor et al., enviei inicialmente um recado via mensagem privada no *Facebook*, retomando os objetivos da pesquisa, e explicando qual a proposta da entrevista. Então, deixei como opção para cada participante escolher entre fazer a entrevista de forma síncrona (dentro de alguns horários que disponibilizei) ou assíncrona. Todos optaram pela forma assíncrona, pois disseram estar sem muito tempo, e sem disponibilidade para os horários sugeridos.

Enviei então a primeira parte da entrevista para os sete estudantes que restaram deste primeiro recrutamento, e seis deles a responderam em menos de uma semana. Para estes, a segunda parte da entrevista foi enviada em seguida. Somente uma estudante não respondeu, e após quinze dias reenviei a primeira parte, e ainda assim, não obtive mais nenhuma resposta. O’Connor et al. mencionam este tipo de desafio, e comparam com uma pesquisa “onsite”, pois o participante em qualquer situação tem o direito de se retirar da pesquisa, porém, talvez numa pesquisa “online”, ele pode se sentir mais livre por não ter o contato cara-a-cara, e assim, somente deixar de responder às mensagens já é um indicativo de sua desistência. (O’CONNOR et al., 2012: 23).

Enviada a segunda parte da entrevista, os estudantes demoraram um pouco mais para responder: duas semanas ou até meses. Um ponto que acredito que tenha atrapalhado essa parte da coleta deve-se que ocorreu nos primeiros dias de dezembro, que é um mês complicado para os estudantes. É o fechamento do semestre nas universidades e faculdades, com diversas atividades que se acumulam. Especialmente para os educadores, pois geralmente



é quando acontecem festas de encerramento do ano letivo e provas finais. Depois, já vem o recesso escolar, e ou as pessoas viajam, ou ficam envolvidas com preparativos das festas de fim de ano. Logo, muitas respostas só obtive no início do ano seguinte (2014), quando retomei o contato com os jovens.

Nesse período, foi realizada uma avaliação dos procedimentos metodológicos empregados e das dificuldades encontradas, o que indicou a necessidade de ampliação desta rede de estudantes participantes, mas a estratégia de recrutamento seria pessoalmente (“*onsite*”). Além desta ampliação, nas próximas etapas devo retomar o contato com os estudantes entrevistados, para realizar a terceira parte da entrevista, que consiste em um aprofundamento das respostas, baseado nas observações e no material coletado até o momento.

4. Considerações finais

A literatura consultada demonstrou uma produção ainda pequena sobre as interações entre sujeitos, música e ciberespaço, porém, atentam para a importância do assunto. As culturas que se apropriaram desta tecnologia (internet de forma geral e mídias sociais), atribuíram significado às suas práticas no ciberespaço, fato que é visto como importante para que educadores discutam.

Para a educação musical, essa cibercultura pode apresentar um material de estudo relevante, pois se configura em um outro espaço de práticas e experiências musicais diversas, fazendo parte do cotidiano dos estudantes de música. Neste ponto, a etnografia virtual pode ser uma estratégia de pesquisa importante para entender processos de aprendizagem e formação musical que possam acontecer no ciberespaço. Da mesma forma que a etnografia tradicional (“*onsite*”), a etnografia virtual permite que o educador, ao se inserir no campo, compreenda como os estudantes constroem o conhecimento, ao observar suas práticas, sua linguagem, e como se relacionam com a aprendizagem.

As metodologias de pesquisa para o virtual ainda estão na sua “infância” (O’CONNOR et al., 2012: 26), e desta forma, as dificuldades relatadas nesta primeira etapa da pesquisa são de extrema relevância para a continuação do trabalho de campo.

Os autores que tratam da pesquisa *online* comentam sobre essas dificuldades, que também aparecem em pesquisas *onsite*, porém, com algumas peculiaridades. Por exemplo, a questão da desistência da participação da pesquisa relatada por O’Connor et al.(2013: 23), que pode apresentar uma facilidade maior por ser *online*, pela possibilidade do participante apenas



não responder mais às mensagens do pesquisador, fato que ocorreu nesta primeira parte de minha pesquisa de campo.

Desta forma, para as próximas etapas da pesquisa, penso na questão que Hine coloca sobre a etnografia virtual ter de ser “adaptável ao contexto”. A partir das dificuldades da primeira etapa e tomando como referências os princípios de “intermitência” e “delimitação” propostos por Hine, farei algumas modificações. A forma de recrutamento dos estudantes será feita através de um primeiro contato presencial, considerando que o virtual faz parte de um contexto mais amplo (CAROSO, 2010: 81), e que há limites mas também conexões entre o “online” e “onsite”.

Referências:

- BRASIL. Estatuto da juventude de 05 de agosto de 2013. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm>. Acesso 20.fev.2014.
- BECHARA, S.R.C.C. Jovens, músicas e mídias sociais: desafios da Educação Musical na contemporaneidade. In: Congresso Nacional da ABEM, XXI, 2013, Pirenópolis. *Anais...* (no prelo).
- CAROSO, L. *Etnomusicologia no ciberespaço: processos criativos e de disseminação em videoclipes amadores*. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Música da UFBA, Salvador, 2010. Disponível em: <http://luciano.caroso.com.br/caroso_tese.pdf>. Acesso em 09.abr.2013.
- GOHN, Daniel Marcondes. Um breve olhar sobre a música nas comunidades virtuais. In: *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 19, p.113-119, 2008.
- HINE, C. *Etnografía Virtual*. Trad.Cristian P. P. Hormanzábal. Nuevas Tecnologías y Sociedad. Barcelona: Editorial UOC, 2004.
- JORGENSEN, Estelle R. *In Search of Music Education*. Champaign: Illinois University Press, 1997.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- O’CONNOR, Henrietta et al. Internet-based interviewing. In: HUGHES, Jason. *Sage Internet Research Methods*. Londres: SGE Publication, 2012. V.3. p. 119-145. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4135/9781446268513>>. Acesso 27.nov.2013.
- POPOLIN, A. *Jovens, escuta diária de música e aprendizagem musical*. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes da UFU, Uberlândia, 2012.
- RAMOS, S. N. *Escuta portátil e aprendizagem musical: um estudo com jovens sobre a audição musical mediada pelos dispositivos portáteis*. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes da UFRGS, Porto Alegre, 2012.
- REGUILLO, R. Navegaciones errantes: De músicas, jóvenes y redes: de Facebook a Youtube y viceversa. *Comunicación y Sociedad*, Guadalajara, n. 18, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-252X2012000200007&lng=es&nrm=iso>. Acesso 08.mai.2013.
- SALAVUO, Miikka. The Nature of Online Music Communities And Their Relation To Music Education. In: The First European Conference on Developmental Psychology of Music, 2005, Finland. *Anais...* Jyväskylä: University of Jyväskylä, 2006. p. 306-309. Disponível em:



<<https://www.jyu.fi/hum/laitokset/musiikki/projektit/ecdpm2005/proceedings.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2012.

SCOTTI, Adelson Aparecido. *Violão.org: saberes e processos de apreensão/transmissão da música no espaço virtual*. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/123456789/2028>>. Acesso em: 19.mar.2014.

SPRONDEL, J.; BREYER T.; WEHRLE, M. CyberAnthropology – Being human on the internet. In: 1st Berlin Symposium on Internet and Society, Berlim, 2011. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1943399>. Acesso em: 20 de julho de 2012.

WALDRON, Janice. Locating Narratives in Postmodern Spaces: A Cyber Ethnographic Field Study of Informal Music Learning in Online Community. In: *Action, Criticism, and Theory for Music Education Journal*, v. 10, n. 12, p. 31-60, 2011. Disponível em: <http://act.maydaygroup.org/articles/Waldron10_2.pdf>. Acesso em: 19 de julho de 2012.

¹ Segundo a definição de Lévy (1999): “Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. (LÉVY, 1999: 17).